

Resoluções programáticas aprovadas no XI do Congresso da Organização pela Construção do POM realizado em 7 e 8 de fevereiro de 2009.

Conjuntura mundial:

A crise do sistema capitalista mostra o funcionamento do regime que cada vez mais concentra capital nas mãos de poucos burgueses e aumenta a pobreza e miséria para os trabalhadores.

A origem da miséria capitalista é a propriedade privada dos meios de produção, ou seja, as fábricas e as terras como sendo dos burgueses. De outro lado os proletários (trabalhadores que não tem propriedade de meios de produção, de fábrica e terra) trabalham coletivamente em troca de baixos salários, repassando, pela exploração do trabalho, a produção e monstruosas taxas de lucros aos proprietários, aos burgueses.

Esta é a raiz da crise econômica que está presente em nossos dias

Com a concentração de capital em poucas mãos e miséria para a maioria da população acaba gerando um fenômeno que se denominou superprodução, ou seja: quanto mais as fabricas e as máquinas se modernizam, e se capacitam para produzirem, cada vez mais os trabalhadores, apesar de necessitarem da produção não podem adquiri-la. A crise no setor automobilístico demonstra bem este fenômeno ► a capacidade produtiva mundial de automóvel em 1999 já atingia a casa de 70 milhões de veículos ao ano, no entanto em 2008 se produziu 66,2 milhões de veículos e com a crise econômica a previsão para 2009 é de 59 milhões. Da capacidade produtiva do setor estão sendo usados somente 67%, com a tendência de cair a patamares bem mais baixos devido a recessão que se apresenta em toda a economia. O exemplo do setor automobilístico se expande para a grande maioria do setor produtivo. Aliado ao excesso de produção e da capacidade de produzir comparece a tendência da queda das taxas de lucros, o que coloca o sistema capitalista em uma encruzilhada e agonia. Esta situação tem permanência e caminha a passos largos à barbárie. A transformação desta catástrofe qualitativa e quantitativamente para o proletariado depende da organização e da constituição de uma autentica direção revolucionária, capaz de levantar as massas rumo à revolução proletária mundial, o que até o momento não se deu, devido a crise monstruosa da direção do proletariado mundial.

As contradições desta forma de sociedade em que vivemos acabam por gerar ações entre os burgueses piorando ainda mais a situação.

Como forma de se safarem, da superprodução, das concorrências e de uma tendência do próprio sistema, de queda das taxas de lucros, os burgueses uniram os Bancos com as Indústrias, produzindo um tal de capital financeiro.

Como o investimento na produção de mercadorias, nas fabricas, fica problemático com a crise de superprodução, com a tendência de queda da taxa de lucro, os capitalistas através do capital financeiro, em que domina o capital bancário,

acabaram por achar mais fácil ganhar muito dinheiro no capital especulativo. Investem nas bolsas de valores, nas negociatas fora da produção e no próprio financiamento das mercadorias, criando diariamente necessidades mil, como forma da expansão capitalista.

Tudo no capitalismo gira em torno do maior lucro para os burgueses e para o capital financeiro; as vidas das pessoas não vale muita coisa.

Vejamos as medidas que estes capitalistas e seus governos adotam em relação ao acirramento das crises que sempre rondam o sistema: destruição das forças produtivas por meio da guerra que já acabou por propiciar dois grandes conflitos mundiais e ultimamente se transformou em guerra permanente, considerando a política dos países imperialistas, tendo à frente os EUA.

Os trabalhadores vivem em uma constante crise, falta emprego, moradia, salário, saúde pública, educação pública, condições de criar os filhos, uma barbárie.

Os capitalistas lucram e lucram!

Nos últimos anos aqui no Brasil os Bancos e as Montadoras ganharam altas somas de dólares, cada ano duplicava seus lucros. Nunca os governantes e estes capitalistas saíram em socorro dos trabalhadores, pelo contrário, quando os trabalhadores saem em luta, a burguesia, através do Estado impõe a repressão armada em benefício dos patrões.

Agora, com a crise financeira criada pelos capitalistas, própria deste sistema, os governos saem rapidamente a socorrê-los.

O FMI e os técnicos da grande burguesia falam da necessidade de socorro público na ordem de 4 trilhões de dólares para recuperar o sistema financeiro americano. Já com relação ao sistema financeiro mundial a soma chega a US\$ 12,37 trilhões, quantia referente aos títulos, papéis e empréstimos chamados de "papéis podres". No Brasil o Governo Lula, dando início a bondade, passou 4 bilhões de reais para as montadoras e isentou o IPI. Nos EUA, o Congresso nacional aprovou pacote inicial de 787 bilhões de dólares e outros US\$ 25 bilhões às montadoras como General Motors, a Ford e a Chrysler. Dizem eles: a falência de uma destas montadoras significaria a falência dos EUA.

A economia mundial beira a falência absoluta: nos balanços de recursos dos bancos europeus estima-se a dívida corporativa em nada menos que 95% do PIB da região, nos EUA, esta mesma taxa equivale a 50% do PIB. Já em relação ao déficit público na Irlanda chega a 12% do PIB, Reino Unido e Espanha 10%. Na Suíça, o volume de dinheiro retirado dos bancos por clientes já é equivalente a 50% do PIB do país.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) o desemprego saltará dos atuais 190 milhões para 210 milhões até fins de 2009. O número de "trabalhadores pobres", com renda inferior a dois dólares por dia, crescerá em 140 milhões de pessoas.

Proletários do mundo, uni-vos pelo fim do capitalismo e sua barbárie que nos é imposta, pois a crise deste sistema é jogada para cima dos trabalhadores; nós que arcaremos com o desemprego e aumento da miséria. Aos burgueses está reservado o dinheiro público obtido pelos impostos cobrados do suor dos trabalhadores. O

aumento da exploração do trabalho, a destruição das forças produtivas, a recessão e as guerras são prejuízos absolutos as vidas dos trabalhadores e seus familiares.

A crise do capitalismo é estrutural, pois já tendo alcançado o mais alto grau de desenvolvimento das forças produtivas no tocante, da maquinaria, que seria capaz de realizar a supressão da miséria em que aflige milhões de seres. Ao invés disso, devido a propriedade privada dos meios de produção, retrocede na barbarização da sociedade.

A atual crise, longe de chegar a um final feliz, desmascara toda charlatanice burguesa de que tudo se resolve pela “liberdade de mercado”.

Se a humanidade e principalmente o proletariado moderno (aquele que nasceu com este sistema, ou seja: a única classe social que devido as particularidades de sua relação direta com os meios de produção e da exploração do trabalho, coletiva e instintivamente aspira a antítese deste regime); se esta classe laboriosa, os estudantes e a intelectualidade socialista não concentrarem seus esforços no socialismo científico e nos objetivos históricos do proletariado moderno, dando vazão e transformando o instintivo deste proletariado em consciência de classe; na conquista dos meios de produção coletivos, na revolução Socialista mundial, no planejar a produção, pondo em harmonia com este planejamento o reparte da produção para todos igualmente. Se o desenvolvimento tecnológico e científico dos meios de produção, da maquinaria, não se harmonizarem com a produção e a reprodução da vida imediata; o próprio desenvolvimento tecnológico se concentrará cada vez mais nas mãos da classe dominante e desta forma contra a própria vida no seu conjunto, se materializando na barbárie capitalista aos moldes das diversas fases da barbárie do início da “civilização”.

Os teóricos capitalistas que se assenhoram do conhecimento do ponto de vista dos interesses da classe dominante, do Estado capitalista, fundamentam desde o início deste modelo de sociedade, de propriedade privada dos meios de produção e de exploração do trabalho, os princípios deste regime. Fundamentam como se fosse uma religião a liberdade de mercado e a livre concorrência. Estes dois conceitos compõem para os capitalistas como se fosse o Deus todo poderoso, apesar de defenderem o Deus único.

Desde o despencar da crise financeira temos visto, dia a dia, a grande imprensa e os economistas falarem da queda do PIB (produto interno bruto) de todos os países, principalmente dos imperialistas, que dominam e exploram o mundo inteiro. Na verdade, o que está acontecendo é o cair da realidade do caráter fictício da economia que esbanjava crescimento à custa da falsificação e do aumento da concentração de capital em cada vez menos mãos, por fora da produção e da reprodução da vida imediata.

Os salvadores da crise especulativa e de superprodução

As montadoras de veículos estão com seus pátios superlotados e, para desovar sua superprodução, dão “incentivos” aos poucos consumidores que ainda detêm certo poder aquisitivo, mas a grande maioria dos trabalhadores não tem acesso a esses produtos (carros) e a tantos outros que a grande indústria produz. Eis a grande enganação e tentação para aumentar as vendas: dispensam a entrada, com planos de até 80 meses de financiamento. Com o alto custo de vida, muitos destes compradores são obrigados a devolver “seus” carros, arcando com o prejuízo

do que já pagaram. Mesmo assim, as montadoras continuam com problemas, pois há retração de consumo desse produto, assim como da maioria dos produtos de bens duráveis em geral. Os efeitos da recessão por causa da crise pode se alongar (e vai se alongar), devido aos baixíssimos salários, desemprego, medo de endividamento e também ao crescente aumento do custo de vida.

Mas, há outros produtos do tipo eletro-eletrônicos (celulares, mp3 e similares) que fazem parte da cadeia dos chamados descartáveis (que se tornam necessidade), cujo consumo está a todo vapor, destinados principalmente aos jovens, o que tem contribuído para a alienação ideológica capitalista, influenciando em larga escala o desinteresse, inclusive pelos estudos.

O setor da construção civil se encontra superaquecido em alguns países, como é caso do Brasil, mas já tem indícios de retração e com certeza irá na linha da crise especulativa americana. O comércio em geral também já sofre com a crise. O crédito nos bancos é afetado visivelmente.

O governo Lula, através da Caixa Econômica Federal tem liberado bilhões de reais aos bancos, para que estes repassem aos trabalhadores no sentido de comprarem a produção acumulada nas lojas (eletrodomésticos, eletrônicos, móveis, Tvs, vídeo e materiais de construção). Com isso, o governo tenta aquecer o setor do comércio e da construção civil em curto prazo. No mês de dezembro 2008 os empréstimos concedidos por entidades financeiras controladas pelo Estado representaram 36,2% do crédito do país, com a tendência de aumentar ainda mais, o que fez com que caísse o valor dos papéis ordinários (ações), como no caso do Banco do Brasil em que teve reduzido em 46% o valor de suas ações, bem maior da queda dos bancos privados em tiveram queda em média de 40%.

No setor automotivo, a ajuda veio através do Banco do Brasil e foi da ordem de 4 bilhões de reais, e também vai oferecer financiamento a bancos e montadoras. Nessa mesma lógica, segue o governo Serra, que retira 4 bilhões de reais do Banco Nossa Caixa para ajudar as financeiras e bancos ligadas às montadoras de veículos em todo o país. O banco Nossa Caixa já foi vendido ao Banco do Brasil pela quantia de 5,3 bilhões de reais. Uma negociata entre governo estadual e federal para livrar uma instituição bancária estatal regional em situação, reflexo da crise mundial e dos 14 anos de governo do PSDB.

Ainda em função da crise financeira, o Congresso Nacional, a pedido do governo Lula, aprova medida provisória autorizando o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal a comprarem bancos pequenos, o que significa na prática, retirar dinheiro do contribuinte para salvar os capitalistas que caem sobre suas próprias armadilhas. A compra da Nossa Caixa pelo Banco do Brasil se explica em virtude da fusão entre Itaú e Unibanco (oficialmente), quando na verdade, a raiz de tais transações, é a crise que bate às portas do sistema financeiro brasileiro.

O acordo entre BB e Nossa Caixa já aponta para o fechamento de 30 agências da Nossa Caixa, agravando o desemprego no setor.

De alguma forma, esses gerentes do capital terão de tirar os custos dessa negociata e da recuperação da Nossa Caixa do lombo dos trabalhadores.

O ônus da crise

Os capitalistas sempre encontram formas de enfrentar a crise de superprodução e a tendência na queda da taxa de lucro, recorrendo ao capital especulativo, ao poder estatal e as guerras (para destruir forças produtivas); já os trabalhadores ficam mais pobres, sem empregos, com salários sem reajuste há anos

e ainda rebaixados, consumindo menos, pagando mais impostos, sendo seus direitos caçados pelos capachos do imperialismo, como Lula/PT e Serra/PSDB. Se vêm literalmente submetidos à mais cruel barbárie capitalista, com o aumento da violência, da fome e etc.

É só ver pra crer: o Brasil é o país com o terceiro maior índice de mortalidade infantil na América do Sul (divulgação da Unfpa – da ONU); a estimativa para este ano é que, em cada grupo de mil crianças nascidas vivas no país, 23 morram antes de completar um ano de idade; o índice da Bolívia é de 45 mortes e o do Paraguai é de 32; o Chile registra a menor taxa (07 mortes por grupo de mil); Argentina com 13 óbitos e a Venezuela com 17 óbitos. Ainda com relação ao Brasil: na faixa etária de até 5 anos, a expectativa de mortalidade em decorrência das chamadas doenças da infância é de 32 meninos e 24 meninas em cada grupo de mil crianças nascidas vivas. Nesse ranking, a Bolívia ocupa a primeira posição com taxas de 64 meninos e 55 meninas; em segundo vem o Paraguai com 43 e 32, respectivamente (Paula Laboissière – Agência Brasil). Isso é apenas um exemplo das catástrofes capitalistas, com tendências objetivas ao aprofundamento; aí estão dados os fatores objetivos da necessidade histórica da revolução proletária.

Como nos apresentou cientificamente Marx e Engels desde o Manifesto Comunista de 1848, a crise deste sistema capitalista se assemelha ao feiticeiro que já não consegue controlar os efeitos de sua magia. A liberdade de comércio, a liberdade de mercado e a tal da “livre concorrência” não são outra coisa senão uma charlatanice burguesa, com vistas a acumulação de capital em poucas mãos, à custa da miséria e da fome da humanidade.

A grande burguesia tem receitado alguns antibióticos à doença da crise capitalista de superprodução, antibióticos com duração e efeitos temporários. A receita é sempre a mesma: jogar a crise sobre os trabalhadores, destruírem forças produtivas, utilizando inclusive as guerras. Uma vez destruído, diminuído o poder de compra e aumentado da taxa de lucro, reconstruindo as ruínas até a próxima destruição em cadeia, se torna a grande façanha do respirar capitalista. Acontece que cada vez mais os meios de manobras e os efeitos dos antibióticos dão menos resultados e o tubo de oxigênio fica cada vez menor.

Não sejamos charlatães! Como oprimidos estudemos, dominemos e procuremos dominar a pesquisa científica para buscarmos o método que nos levará à realidade. Haveremos de nos encontrarmos na civilização verdadeira, da continuidade do desenvolvimento da humanidade e não em mais uma barbárie histórica. Haveremos de utilizar do desenvolvimento tecnológico dos meios de produção para avançar as forças produtivas no seu conjunto, ou seja: desenvolver as máquinas, a robótica e todos os ramos científicos, mas colocá-los em harmonia com a humanidade sem a exploração de classe no produzir para todos. Assim, as forças produtivas se libertarão na equivalência do desenvolvimento da maquinaria, com toda sua capacidade produtiva alcançada com as necessidades dos seres vivos de todas as espécies.

Abaixo à recessão capitalista, desemprego, fome e miséria que não é mais que destruir forças produtivas para uma posterior reconstrução momentânea;

Abaixo a guerras, como a do Afeganistão, do Iraque e a guerra permanente dos Judeus/americanos entrincheirados na Palestina que não é mais que a

destruição de forças produtivas e de conquista da tal liberdade de mercado dos grandes burgueses;

Abaixo a violência capitalista! Viva a Revolução proletária mundial para a conseqüente socialização dos meios de produção, para colocá-los no planejamento mundial a caminho da produção e a reprodução da vida imediata;

Abaixo a crise de superprodução capitalista que cada vez mais concentra a produção em poucas mãos. Viva a distribuição da produção para todos; planejemos esta para satisfazer nossas necessidades;

Abaixo a exploração do trabalho! Viva o trabalho para todos, como prazer do produzir e reproduzir a vida.

Várias são as saídas apresentadas para a crise. Para o futuro socialista como transição ao comunismo só existe a construção de um verdadeiro Partido Operário Marxista, capaz de se transformar em base material comunista e em superestrutura proletária mundial. Em uma organização de quadros internacionalistas, em uma organização que seja capaz de fundir a teoria e a prática, de transformar a teoria em ação das massas, destruindo os aparatos burocráticos e a democracia formal do seio do movimento operário, estudantil e popular. Uma organização proletária internacional com independência de classe, capaz de interrelacionar-se dialéticamente com a classe operária e os oprimidos em geral no sentido da expropriação da burguesia. Uma organização que transforme as massas em armas contra o capital (Ditadura do proletariado) rumo a uma sociedade planificada mundialmente, sem classes sociais, sem Estado, uma sociedade de trabalhadores livremente associados.

A engrenagem do capitalismo e a crise

Os teóricos da burguesia e do reformismo diziam depois da derrubada do muro de Berlim que o marxismo estava morto!

Agora o choque da crise econômica do Imperialismo americano vem dar a resposta. Bastou o centro financeiro ter suas finanças sacudidas que o resto do mundo se balançou. E isso num curto período, mostrando que a grande potência americana como um dos principais centros nervoso do sistema financeiro, desmascarado na sua essência, arrastando o resto do mundo para o precipício. Diante desse quadro, os trabalhadores atônitos não conseguem entender a superestrutura do capitalismo e suas contradições. Essa crise mexe com as estruturas do capitalismo, mas não derruba seus alicerces. A fusão do capital bancário com a Indústria (capital financeiro), seu avolumar como capital diretivo e parasitário mundial não é qualquer coisa. A monstruosidade dos complexos financeiros interagindo com o capitalismo parasitário e o aprofundamento da crise de superprodução tem transformado as crises cíclicas do capitalismo em crise permanente, com período de agudeza como o que estamos passando. Este por sua vez, descarrega nas costas dos trabalhadores suas contradições. Vejamos algumas delas no Brasil: até meados de setembro o que mais se ouvia eram as montadoras comemorando suas altas vendas e seus lucros exorbitantes; os bancos só anunciavam recordes de lucros que passavam das casas dos bilhões. Bastou os Estados Unidos declararem uma crise interna, para que suas filiais em solo brasileiro, para que demitisse milhares de trabalhadores, além de fechar milhares de posto de trabalho. Num espaço de dois a três meses, consegue desestabilizar uma

economia que apregoava estar tudo normal, isso só para lembrar de quem realmente manda. Vamos sentir o que estamos falando,

As empresas de automobilísticas do Brasil:

| Companhias | Fábrica s | Concessionária s | Emp rego s | Localizaçã o |
|--|----------------------|-----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Agrale | 04 | 89 | 1.296 | RS |
| produtos- comerciais leves – caminhões – ônibus | | | | |
| Fiat | 03 | 453 | 12.94 7 | -MG-PR |
| produtos--- comerciais leves – automóveis- | | | | |
| Ford | 04 | 427 | 10.04 7 | BA-CE- SP(ABC) |
| - produtos-- comerciais leves – automóveis- - caminhões - | | | | |
| General Motors | 04 | 376 | 21.27 4 | SP-RS |
| - produtos-- comerciais leves – automóveis- | | | | |
| Honda | 01 | 96 | 2.874 | SP |
| - produtos— automóveis- | | | | |
| Hyundai | 01 | 130 | 260 | GO |
| produtos-- comerciais leves | | | | |
| International | 01 | - | 19 | RS |
| produtos-- caminhões - | | | | |
| Iveco | 02 | 52 | 1.054 | MG |
| produtos-- comerciais leves- caminhões -- ônibus | | | | |
| Karmann-Ghia (5) | 01 | - | 509 | SP(ABC) |
| produtos— automóveis- | | | | |
| Mercedes-Benz | 02 | 187 | 13.65 8 | SP MG SP(ABC) |
| produtos— automóveis-- caminhões -- ônibus | | | | |
| Mitsubishi | 01 | 113 | 1.974 | GO |
| produtos-- comerciais leves | | | | |
| Nissan | 01 | 64 | n/c | PR |
| produtos-- comerciais leves | | | | |
| Peugeot Citroën | 02 | 209 | 3.696 | RJ |
| produtos-- comerciais leves – automóveis- | | | | |
| Renault | 03 | 135 | 4.521 | PR |
| produtos-- comerciais leves – automóveis- | | | | |
| Scania | 01 | 84 | 2.683 | SP (ABC) |
| produtos-- caminhões -- ônibus | | | | |
| Toyota | 02 | 120 | 3.086 | RS-SP |

| | | | | |
|---------------------------------|-----------|------------|--|-------|
| | | | | (ABC) |
| produtos-- automóveis- | | | | |
| Volkswagen (PR-SP-(ABS)) | 04 | 416 | | |
| Volkswagen | 01 | 108 | | |
| Caminhões e Ônibus | | | | |
| Volvo | 02 | 106 | | |
| produtos-- caminhões -- ônibus | | | | |

Maquinas agrícolas automotrizes produzidos no Brasil:
TRATORES- RETROESCAVADEIRA- COLHEDEIRAS – ETC

| Companhias | Fábricas | Concessionárias | Empregos | Localização |
|--------------------|-----------------|-----------------|--------------|--------------------|
| Agrale | 108 | | | RS |
| Agco | 03 | 217 | 2.228 | RS |
| Caterpillar | 1 | 60 | 5.121 | SP |
| | | | | |
| CNH | 3 | 264 | 2.915 | PR-SP-MG |
| | | | | |
| John Deere | 2 | 137 | 2.909 | RS-GO |
| | | | | |
| Komatsu | 1 | 35 | 831 | SP |
| | | | | |
| Valtra | 1 | 161 | 764 | SP |

(Anfavea)

No Brasil, só no mês de dezembro 2008 foram demitidos 650 mil trabalhadores e dados mesmo da FIESP relatam o fechamento de mais de 130 mil postos de trabalho. Para jogar a crise nas costas dos trabalhadores, muitas empresas já deram e estão dando férias coletivas a milhares. As demissões disparam e a burguesia manobra para conseguir das centrais sindicais e dos Sindicatos (totalmente burocratizados) salvo-conduto para intensificar a precarização das relações de trabalho e mais uma reestruturação produtiva.

No mundo, a situação não é diferente: nos EUA, em Janeiro de 2009, o setor privado fechou 522 mil vagas; no período de janeiro a novembro de 2008, dados apontam para demissão de 1,2 milhões de postos de trabalho nos EUA. Na Europa fala-se em 10 mil demissões por dia. Mundialmente, a cada semana são anunciadas milhares de demissões em massa. O aprofundamento da barbárie nunca se mostrou tão presente, pois tal situação agrava a violência em todas as partes. A miséria crescente e a degeneração do ser humano são vantajosos para o capitalismo, que assiste de camarote o povo pobre se digladiando pela sobrevivência.

E onde foram parar os milhões, bilhões, trilhões de lucros que as empresas tiveram até alguns meses atrás? O lucro com certeza está bem guardado, nas mãos de poucos, nas mãos da burguesia imperialista.

E os governos burgueses de cunho reformista, pró-imperialistas de frentes populares, que fazem?

Manobras, injetando dinheiro no mercado, nos bancos (sistema financeiro) e nas corporações imperialistas. O falatório é de socorro ao crédito, ao emprego, a economia. Rebaixam os salários, desemprega em massa e ainda aumentam a exploração incentivando o consumismo e a tomada de empréstimo para potenciar o consumo. Aproveitam da situação para precarizar ainda mais as relações trabalhista,

através de reformas que estão sendo implantadas fracionalmente para não causar impactos sociais. Vários aspectos dessas reformas já estão sendo aplicados, como por exemplo, a reforma sindical que institucionaliza ainda mais os sindicatos, aumenta o poder do governo, que com a crise, aproveita para flexibilizar a jornada de trabalho, com a redução dos salários e de direitos trabalhistas. Ainda estes burgueses e seus governantes passam a ilusão da possibilidade dos desempregados se transformarem e empresários. Aumenta o subemprego e assim o prejuízo da crise é dividida totalmente entre os trabalhadores. Os grandes economistas burgueses falam até da necessidade do planejamento da economia e de uma maior intervenção estatal na nesta, negando o que diziam meses atrás da santa defesa do neoliberalismo.

Temos alguma alternativa do ponto de vista dos trabalhadores?

Sim, Marx já no século XIX citava que as contradições do capitalismo se acirrarão e a catástrofe seria eminente, caso o proletariado moderno não socializasse os meios de produção. Que a classe trabalhadora só será libertada com a derrubada do capitalismo rumo a coletivização dos meios de produção, fim da propriedade privada. O caminho para isso é a revolução proletária e a instauração da ditadura do proletariado no sentido da revolução permanente e a expropriação da burguesia do planeta, dando sentido a uma verdadeira associação de trabalhadores livremente associados, no produzir a vida coletiva para todos.

As soluções para crise e seu agravamento

O avolumar da crise estrutural do sistema capitalista sob a direção do capital financeiro, ora se torna liberal, ora protecionista. Ao mesmo tempo em que se fez moderno, se torna velho.

O neoliberalismo se apresentou como sinônimo de modernidade e de supremacia capitalista, com a ideologia da globalização ou da mundialização dos capitais, os Estados nacionais e as fronteiras territoriais se fizeram e deveriam se tornar cinzas. O Estado nacional deveria ficar longe da economia, do estatismo nacional e dos direitos sociais.

As contradições econômicas mundiais se faziam amenizadas ao ponto da supremacia do imperialismo americano se dar ao luxo de decretar guerra permanente, ora contra Iraque, Afeganistão, Palestina, etc. e etc. Qualquer iniciativa de protecionismo do Estado nacional para os países oprimidos e mesmo entre os impérios era considerada uma heresia. Agora, com o galopar da crise tudo se refaz. A heresia vira santidade, os Estados nacionais revestem-se poderosos no sentido mesmo da intervenção na economia, de regulação do próprio sistema bancário em bancarrota.

O império hegemônico americano chega ao fundo do poço, economicamente e contestado pelos oprimidos nos quatro cantos do planeta, assim como a heresia do intervencionismo vira santidade, as características do império racista se volta pela afirmação “concreta do exemplo de anti-racismo”. O capital financeiro se movimenta ao gosto das necessidades impostas pela vossa santidade... o mercado e das diretrizes da crise estrutural!

Um avolumar da crise é retorno, por mais que o espernear imperialista se mostre criativo e sem princípios. A crise estrutural do sistema não se recicla sem um monumental ataque às forças produtivas no seu conjunto.

Desta vez, a guinada protecionista nacional nos trará intrínsecas o acirramento da crise entre monopólios e impérios, haja vista o plano econômico francês que vazou água na Europa “unificada”. O plano econômico dos EUA e como campeão do neoliberalismo, agora se apresenta no seu contrário. O espernear dos Estados nacionais em aliviar suas corporações imperialistas fatalmente romperá a hegemonia americana no sentido da capacidade de árbitro da rapina. A rapinagem sem controle e no alimentar do fortalecimento do Estado nacional, colocará na ordem do dia, o potencial do confronto imperialista e o salvar das corporações financeira em um plano superior. O terceiro conflito imperialista mundial se deslumbra como necessidade da rapinagem imperialista e de destruição de forças produtivas nunca visto.

Vejamos o dançar do sistema bancário mundial e o ruir de centros imperialistas financeiros em dois anos, na posição das principais instituições financeiras americanas e européias, em referência ao valor de mercado:

| Ranking melhores | dos | 2007 Bilhões Dólares) | ► de | Ranking melhores | dos | 2009 Bilhões Dólares | ► de |
|-----------------------------|------------------------|--------------------------------------|-----------------|-----------------------------|------------------------|-------------------------------------|-----------------|
| 1° | CITI(EUA) | 255 | | 1° | ICBC (CHINA) | 170 | |
| 2° | BANK OF AMÉRICA (EUA) | 217 | | 2° | CCB (CHINA) | 115 | |
| 3° | HSBC (Inglês) | 215 | | 3° | BANK OF CHINA | 99 | |
| 4° | ICBC (CHINA) | 209 | | 4° | HSBC (Inglês) | 86 | |
| 5° | JP MORGAN (EUA) | 165 | | 5° | JP MORGAN (EUA) | 85 | |
| 6° | BANK OF CHINA | 157 | | 6° | WELLSFARGO (EUA) | 70 | |
| 7° | CCB (CHINA) | 132 | | 7° | MITSUBISHI UFJ (JAPÃO) | 64 | |
| 8° | UBS (SUÍÇA) | 128 | | 8° | SANTANDER (ESPANHA) | 55 | |
| 9° | MITSUBISHI UFJ (JAPÃO) | 127 | | 9° | BANK OF AMÉRICA (EUA) | 43 | |
| 10° | RBS (INGLÊS) | 120 | | 10° | RBC (Canadá) | 36 | |

Fonte: Revista Exame nº 2 -11/2/2009

Para a grande burguesia mundial, tornou-se de transcendental importância, da vida ou agonia mortal do capitalismo o socorrer do sistema financeiro em frangalhos. A fraseologia é a mesma de sempre, por trás do socorro ao sistema financeiro mundial está a questão social. Os bancos e o sistema financeiro são o respirar da humanidade, segundo os princípios burgueses.

Viva a resistência Palestina

Em cada novo ataque no território de Israel e Palestina o mundo se assustava e os diplomatas gritavam a necessidade de resolver a situação em questão e de se estabelecer a “paz” novamente, mas nunca discutem o porquê da origem dos conflitos. Isto nos parece um tanto lógico, porque tal indagação seria um tiro no próprio pé.

Objetivamos neste texto oferecer um parâmetro histórico da origem dos conflitos em Palestina, ao lado dos interesses envolvidos, com o intuito de combater a simples idéia comum, passada pela mídia em geral (falo com mais clareza da mídia brasileira) de que em território palestino sempre existiram guerras e que “aquele povo” sempre se matou sem motivo algum, ou por simples extremismo religioso.

Tal assunto é tema para as mais grandiosas teses. Aqui procuraremos delinear os aspectos históricos principais que nos possibilite expressar os fundamentos das atividades Israelenses.

O MOVIMENTO SIONISTA E A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

O Oriente Médio sempre foi uma área importante para as potências mundiais, pois era a rota de comércio com as Índias. Até a primeira grande guerra (1914-1918) era controlada pelo Império Otomano, que desde tempos sofria de influência externa e de uma grande dependência econômica dos países europeus. Como não se poderia evitar, na primeira guerra mundial tal território foi dividido pela dominação de França e Inglaterra, onde a Inglaterra, dentre outros, se apossou integralmente da palestina – integralmente porque até então detinha grande poder na área dada sua influência econômica e graças à repressão militar aplicada às revoltas dos povos árabes, que buscavam o fim do império otomano e a autonomia nacional.

Ao mesmo tempo, na Europa, no fim do século XIX surge o movimento sionista, liderado pelo escritor Theodor Herzl, líder do primeiro congresso sionista em 1897. Tal movimento busca estabelecer um estado para o povo judeu, que, desde a diáspora judia¹ se encontravam dispersos pelo mundo sem um local específico. Em primeiro lugar se pensou em estabelecer este Estado na América latina, depois em Uganda e só por último e definitivamente na Palestina.

Tal movimento foi contrário à vontade do povo judeu que vivia na palestina (cerca de 20 mil) e se estabeleceu somente pela anuência da Inglaterra, que viu grande interesse na permanência de um povo “neutro” na rota mais curta para o comércio com as Índias; e como um importante aliado na repressão dos movimentos de massa árabes.

Então, no começo do século XX começam as primeiras ondas de imigração do povo judeu para a palestina, com o apoio econômico Inglês.

Aos poucos os “colonos” judeus foram se apossando das terras palestinas por meio do protecionismo e da intervenção direta inglesa, como a compra de terras para o assentamento judeu; o armamento de milícias, a desestabilização da economia palestina por meio de um estatuto que privilegia o capital judeu, “lhes destinando 90% das concessões na Palestina, permitindo que os sionistas tomassem o controle da infra-estrutura econômica”²; e o estabelecimento de leis trabalhistas discriminatórias com os árabes, resultando em desemprego em larga escala.

¹ Segundo a Bíblia, a Diáspora é fruto da idolatria e rebeldia do povo de Israel e Judá para com Deus, o que fez com que este os tirasse da terra que lhes prometera e os dispersasse pelo mundo até que o povo de Israel retornasse para a obediência a Deus, onde seriam restaurados como uma nação soberana e senhora do mundo .

² Lucien Gauthier, “A Verdade” – n.º 8 – julho de 1994

Esta condição foi se agravando com o passar do tempo, ao passo que foram surgindo conflitos entre os judeus colonizadores e os árabes que lá viviam desde o século VII. Os árabes palestinos sempre viveram em harmonia com as comunidades judias que viviam em suas terras anteriormente ao sionismo, mas agora estavam sendo totalmente prejudicados pelos novos invasores.

É a partir de 1945, no fim da segunda guerra mundial, que a situação se afunila para a formação do estado de Israel. Nesta época os EUA exerciam já há algum tempo certa influência sobre o oriente médio, por conta da participação na exploração de petróleo que começara alguns anos antes (a primeira descoberta de petróleo na palestina foi em 1908). A Inglaterra estava com a economia prejudicada pela guerra, dependente do auxílio dos Estados Unidos e já não conseguia mais controlar a influência deste último no oriente médio. Ao mesmo tempo explodem vários movimentos sociais, de 1945 à 1947, por parte dos sionistas e de outros povos árabes contra a dominação inglesa em seus respectivos territórios.

Neste período as mais importantes potências mundiais fecharam suas fronteiras para a entrada de imigrantes judeus, vítimas de uma das maiores perseguições da história mundial, pelo nazismo. Como consequência os judeus europeus refugiados, principalmente da Alemanha, vão para a Palestina. Tal ação não foi à toa. Entendendo a importância do oriente médio para continuar sua dominação, os países imperialistas enviam para a palestina centenas de milhares de refugiados judeus, utilizando como pretexto uma das maiores atrocidades da história do homem, o holocausto³; valendo-se disto para dominar os povos árabes.

Se rendendo à ingerência dos EUA em 1947 a Inglaterra deixa o poder da palestina e pede às Nações Unidas (ONU) que resolva os problemas dos conflitos neste território. Aqui é bom atentar que as Nações Unidas na época funcionavam sob controle dos EUA e forte influência da URSS.

Então, no mesmo ano de 1947 a ONU define que seja criado o Estado de Israel em território palestino, dando à Israel 53% do território e à Palestina 47%. E em 1948, após um ano de avanço militar e ocupação, com grande ajuda dos EUA, URSS e Tchecoslováquia, os Israelenses anunciam a criação do Estado de Israel sobre o sangue palestino e a expulsão de pelo menos 350 mil, só nesta última empreitada.

A dominação do movimento sionista na palestina que se impunha pela ocupação do espaço e com milícias armadas em tempos de imperialismo inglês,

3

A palavra **holocausto** tem origens remotas em sacrifícios e rituais religiosos da Antiguidade, em que animais (por vezes até seres humanos) eram oferecidos às divindades, sendo completamente queimados durante a noite para que ninguém visse. Nesse caso, holocausto quer dizer cremação dos corpos. Na Segunda Guerra Mundial o termo Holocausto (com inicial maiúscula) passou a ser utilizado especificamente para se referir ao extermínio de milhões de judeus e outros grupos considerados indesejados pelo regime nazista de Adolf Hitler. A maior parte dos exterminados era judia, mas também havia militantes comunistas, homossexuais, ciganos, eslavos, deficientes motores, deficientes mentais, prisioneiros de guerra soviéticos, membros da elite intelectual polaca, russa e de outros países do Leste Europeu, além de activistas políticos, Testemunhas de Jeová, alguns sacerdotes católicos e sindicalistas, pacientes psiquiátricos e criminosos de delito comum.

precisou tomar maior força na troca pelo imperialismo Norte Americano, precisou tomar forma de Estado. Isto porque a necessidade de se estabelecer uma base imperialista neste território passou a ser mais importante do que outrora, dada a crescente produção de petróleo no oriente médio, dada o crescimento dos movimentos de massa na mesma área; e as tensões mundiais por conta da Guerra Fria.

Para uma boa compreensão da problemática do Estado de Israel e o confronto que se trava no Oriente Médio como parte do estado de guerra imperialista permanente em que presenciamos na atualidade de aprofundamento da crise estrutural capitalista deve-se analisar a conformação do império americano.

O Estado de Israel é uma extensão do império americano, vez que a economia e o Estado americano é diretamente influenciado e em grande parte dirigido pela grande burguesia sionista. Os Judeus dominam totalmente o Estado de Nova Iorque, os meios de comunicação e possui poder de fogo junto ao capital financeiro e imobiliário americano. Economicamente e Eleitoralmente qualquer presidente republicano ou democrata será o governo pró-sionista. A história eleitoral americana mostra que os judeus (dirigidos pela grande burguesia judia) são mais próximos dos democratas. Esta realidade se expressa no “silêncio” e apoio decidido de Obama ao Estado de Israel em nome da guerra defensiva e anti-terrorista. De uma população estimada em 13.2 milhões de judeus 5.433.842 vivem em Israel e região e 5.165.019 nos Estados Unidos.

A história de Israel e a conformação entre a grande burguesia americana e judia demonstram cabalmente mesmo nesta questão a grandeza teórica do jovem e velho Karl Marx. Na obra “A QUESTÃO JUDAICA, 1843”. (Varias edições) em polêmica com Bruno Bauer que exigia o rompimento do povo judeu com o judaísmo como condição da emancipação política e humana. Marx já em 1843 vai mostrar que o problema era outro: que a emancipação humana não era mera questão religiosa e sim uma questão do produzir a vida. Sem se ater ao fim da propriedade privada dos meios de produção, não se poderia falar de emancipação alguma do ponto de vista da humanidade. O jovem Marx vai mostrar que tanto a burguesia judaica e a dos Cristãos principiam a avareza do capital. O estudo do império americano vai demonstrar cabalmente o acerto e precisão destas conclusões, podemos dizer que o casamento entre a grande burguesia americana e cristã com a grande burguesia judia foi perfeito, demonstrando toda avareza e miserabilidade do império americano.

A POLÍTICA DOS 60 ANOS DE ESTADO ISRAELENSE, OS CONFLITOS E A RESISTÊNCIA PALESTINA

A política de Israel e do império americano desde a criação do Estado Sionista até hoje foi uma só: avançar ao território palestino através da carnificina, isolamento e decorrente expulsão do povo árabe, por meio da força militar alimentada pelos EUA. O povo da palestina foi dizimado e expulso de suas terras, onde os colonos judeus ocuparam e passaram a afirmar que nunca existiu palestino em tal área. As duas últimas gerações de judeus, que não tiveram contato direto com as primeiras expulsões dos palestinos, acreditam veemente em tal afirmação e aprovam a ação do Estado Israelense que está apenas se “defendendo”.

Não há aqui espaço para expor minuciosamente cada atrocidade, cada ataque, cada morte, cada expulsão... israelense ocorrida neste período de 60 anos. Exporemos alguns fatos históricos que mostrarão os principais fatores até chegar à situação extremada de hoje.

A resistência do povo palestino contra o estado de Israel era desarticulada e não possuía apoio de potências internacionais, a não ser de seus vizinhos árabes, também alvos do imperialismo americano. Até que em 1952, a ONU deliberou que não trataria mais da questão Palestina. Em contrapartida as organizações que lutavam pela libertação da palestina entenderam a necessidade de se organizar para conquistar resultados efetivos em sua luta e construíram a OLP, Organização pela Libertação da Palestina.

Em 1967 ocorre a guerra dos seis dias, onde Israel antecipa à um ataque articulado pela Síria, Egito e Jordânia e, em “seis dias” vence a guerra e ocupa territórios destes países (península do Sinai e a Faixa de Gaza que pertenciam ao Egito; A Cisjordânia e a parte oriental de Jerusalém, que, desde 1948, estava de posse da Jordânia; e as Colinas do Golã, que eram parte integrante da Síria). Agora Israel ocupava 78% do território Palestino. Nesta ocasião o exército Israelense ocupou as áreas e não permitiu que os civis fugissem, deixando-os em zona de guerra e causando muitas mortes.

Neste caso e em outros a história mostrou como a existência do Estado de Israel era prejudicial aos demais países árabes. A OLP, influenciada pelo “socialismo” burocrático stalinista, por alguns líderes, começou crescer e tomar grande vulto dentro de Palestina e de outros estados árabes, fortalecendo uma organização de massas (porém com os interesses da burguesia Palestina) que passava a não respeitar mais os estados nacionais. Temendo o crescimento desta organização internacional em 1970 o rei Hussein da Jordânia mandou atacar bases da OLP que estavam em território da Jordânia (episódio conhecido como Setembro Negro), fazendo com que: muitos fugissem para o Líbano, onde, em 1982 sofreram novos ataques, desta vez pelas tropas Israelenses, forçando as bases da organização a irem para a Tunísia.

Em 1987 surge a 1ª Intifada (revolta das pedras) novo movimento do povo palestino pela libertação de seu território e de suas vidas. Movimento totalmente genuíno, de homens, mulheres e crianças, que leva este nome por conta de seus integrantes arremessarem pedras contra os soldados israelenses, última alternativa que tinham, em alguns casos.

Neste mesmo ano surge o Hamas, oriundo de um movimento Islâmico, financiado pela Arábia Saudita e por Israel, com o objetivo de se opor à OLP dentro de Palestina. Seus fundamentos são a troca da postura de luta política mantida pela OLP pelo fundamentalismo religioso; o assistencialismo ao povo, para conquistar sua confiança e a ação radical.

Em 1993 a OLP, sob a liderança de Yasser Arafat, mostrou ao mundo sua aliança com a burguesia árabe (aliança que acreditamos existir desde sua fundação) e traiu o povo palestino massacrado assinando o Acordo de Oslo, onde o estado palestino e o de Israel pactuavam o fim dos ataques mútuos e o reconhecimento dos dois territórios. Porém os territórios reconhecidos eram os mesmos existentes desde a guerra dos 6 dias.

Os conflitos não pararam e em 2000 os dois estados fazem novo acordo, o de Camp Davis, onde Israel propôs **formar** um "estado" palestino sem continuidade territorial, dividido por blocos de assentamento, cortado por estradas e barreiras, com o controle israelense de toda a fronteira. A área permitida aos palestinos incluiria 69 blocos de assentamento, alojando 85% de todos os colonos israelenses. Os palestinos teriam de viajar 50 milhas [80 km] para ir de uma cidade para outra, com muitos atrasos inúteis em pontos de controle e barreiras de estrada, a fim de

atravessar uma distância real de 5 milhas [8 km]. A consequência foi o surgimento da segunda Intifada em 2001.

“Desde 1967 até hoje, a área sobre a qual o Estado israelense está instalado, equivale a 78% da original Palestina. E, ainda, desde a mesma data, o restante (22%), onde, hoje, vivem os palestinos, é ocupado militarmente pelo exército israelense, e os massacres nunca pararam. Esses territórios palestinos são chamados pela ONU de “territórios palestinos ocupados”. O pior é que essa porcentagem de 22%, onde os palestinos “vivem”, é dividida em duas áreas totalmente isoladas umas das outras sem nenhum contato. O palestino não tem o direito de se deslocar de uma área para outra, para visitar os seus familiares. Ainda mais: cada uma dessas duas áreas recebeu dezenas de assentamentos e colônias, que pela “lei” israelense se tornam territórios israelenses, com estradas que se interligam e que são, também, considerados territórios israelenses, onde o palestino não pode pisar e muito menos atravessar.”⁴

Um dos piores acontecimentos destes últimos anos foi a criação de um muro entre Israel e Palestina, que separa as pessoas de seus locais de trabalho, de suas escolas e hospitais, bem como do acesso à água, isolando o povo palestino do acesso às condições mínimas para manter uma vida razoável, criando grandes guetos, onde as pessoas subsistem.

Desde 2006 a situação se agravou porque o Hamas, hoje um pouco mais politizado, anti semita, ligado à burguesia árabe e pelo fim do Estado de Israel, foi eleito para o poder da palestina, até então controlada por Abass da ANP (Associação Nacional Palestina), que reconhecia o Estado Israelense. Isto porque Israel fechou as fronteiras e criou um embargo econômico à palestina, exigindo que o Hamas abandone o poder. Tal ação gera hoje um índice de 60% de pessoas vivendo abaixo do índice da pobreza e uma taxa de 60% de desemprego aos trabalhadores palestinos.

O embargo, o desemprego e tantas outras coisas não conseguem impedir os palestinos de resistirem e lutarem contra o estado de Israel, por meio das organizações aliadas a burguesia ou não. Por isso desde o fim de dezembro, sob o pretexto de auto defesa, o estado israelense impôs e está impondo em prática uma dos maiores ataques bélicos ao povo palestino, já somando mais de mil e quinhentos mortos, entre homens, mulheres e crianças. Ambulâncias, hospitais, universidades e residências não são poupados. Falta água, energia e alimento ao povo palestino, as fronteiras estão fechadas para a entrada de suprimentos.

O maior bombardeio é feito por parte de Israel, alegando defesa de mísseis de fabricação caseira lançados pelo Hamas. E tudo isto com o apoio da mídia mundial, quando coloca em pé de igualdade uma das maiores potências bélicas do mundo com a resistência de um povo que não possui quase nem alimento.

SÓ A LUTA ORGANIZADA DO PROLETARIADO E OPRIMIDOS DE TODO O MUNDO PODE ENFRENTAR O IMPERIALISMO

Os conflitos em Israel e palestina não cessarão até que o povo palestino seja totalmente expulso e/ou dizimado. A história nos mostrou que toda colonização de um território só é “bem sucedida” (para os dominadores) quando o povo lá antes existente é totalmente exterminado. E enquanto houver cidadãos árabes na Palestina a luta pela libertação continuará.

O grande bombardeio hoje em palestina não é um fato isolado, é a expressão dos interesses imperialistas norte americanos dentro do oriente médio e em certa

⁴ Mohamed Habib, professor e Pró-reitor de Extensão da Unicamp e vice-presidente do Instituto da Cultura Árabe

medida não contraditório com o resto da grande burguesia mundial, representada pela ONU. A luta de resistência palestina, por mais nacionalista que seja, sempre apresentará uma ameaça à base norte-americana de repressão ao trabalhador árabe, que é Israel. E, de quebra, as sucessivas investidas militares movimentam o maior setor produtivo americano, a indústria bélica. Com o genocídio palestino os que mais lucram são as grandes indústrias de armas dos EUA.

Dessa forma, a única alternativa para a libertação da Palestina e tantos outros territórios ocupados, como o Iraque e o Afeganistão, é a luta pelo fim do capitalismo, suas crises e guerras. Para o Oriente Médio e para o mundo as várias nacionalidades e etnias devem dar lugar às federações das repúblicas socialistas do povo oprimido em armas. Deve dar lugar aos Governos Operários Camponeses ou simplesmente Ditadura do Proletariado até a consumação da expropriação da burguesia no mundo inteiro. Com a socialização das forças produtivas mundiais se produzirá relações de produção e o desenvolvimento das ciências e do próprio homem, tornando-os livres das amarras da opressão de classe e de todo tipo de alienação. Desta feita se dará um Oriente médio unido, sem amos e senhores, uma verdadeira irmandade como parte dos trabalhadores livremente associados do planeta.

Na Palestina, o Hamas e a OLP estão ligados aos interesses da burguesia árabe, dos grandes produtores do petróleo, e defendem o fim do Estado de Israel pela construção de um estado nacional, sob as mesmas bases de opressão dos trabalhadores do sistema capitalista. Tais grupos hoje, na luta pelo fim de Israel, podem ser aliados da maioria da população palestina, mas em outro momento se tornarão os principais inimigos.

A luta pela palestina é a luta contra o capitalismo e seu imperialismo, que só pode ser travada pela união do proletariado e oprimidos de todo o mundo.

Apoiamos a organização dos trabalhadores árabes na luta direta contra a dominação colonialista de Israel e na luta contra suas burguesias nacionais. Os trabalhadores de todo o mundo devem se unir na luta pelo fim da dominação, exploração e violência capitalista e os conflitos na Palestina é hoje a expressão mais sangrenta desta face.

Temos visto no decorrer da acentuação da ofensiva Americano-Israelense contra a palestina as centenas de organizações que reivindicam do Marxismo produzir declarações, moções e participarem de manifestações de ruas (celebrações ecumênicas) sob a direção do reformismo de todo os matizes e mesmo de vários setores burgueses.

Nós da Organização pela construção do POM, não nos conformamos com esta situação: Pensamos que o proletariado revolucionário mundial necessita de retomar seus postos na dianteira do movimento de resistência a ofensiva e barbárie capitalista, bem como se preparar na construção do Partido mundial da revolução proletária no sentido da expropriação cabal da burguesia.

Não acreditamos em atalhos, desespero pequeno burguês e não somos movimentistas que vemos vitória dos oprimidos e de revolução proletária em todos os cantos do mundo, mesmo sem a ferramenta transcendental que é o Partido Mundial Marxista (revolucionário / ou do operariado).

Sinceramente, não acreditamos na vitória dos Palestinos sem um Movimento de Massa independente Internacional. Desta feita, nas condições que se encontra a organização proletária mundial, com a vanguarda marxista dividida, sem um programa teórico e prático preciso e sob a dominação não só da superestrutura burguesa e imperialista e sim: dos traidores sociais democratas de antontem, dos

traidores estalinistas de ontem e dos traidores e renegados do Trotskismo de hoje que falam em nome da IV Internacional sob a batuta das frentes populares em uma santa aliança com os traidores de outrora e sempre.

Nós da organização pela construção do POM, em forma de declaração aos povos Palestinos, Iraquianos, Afegãos e a todos os povos oprimidos do mundo que resistem bravamente contra a “reterritorização” capitalista; apresentamos e conclamamos a todos os marxistas/trotskistas principistas e revolucionários internacionalistas a juntarem forças na preparação e convocação de uma Conferência Internacional no sentido de armar a vanguarda marxista principista mundial de um programa e formas organizativas no sentido de potenciar a organização do proletariado moderno como classe.

Construção do Partido Mundial da Revolução Proletária

Ao operariado mundial, à juventude, ao campesinato, às donas de casa, aos oprimidos em geral está colocado a organização de um verdadeiro instrumento capaz de expressar cientificamente a política do ponto de vista do proletariado moderno. Este instrumento e ferramenta principal por organizar e potenciar a revolução socialista é a construção do partido mundial da revolução proletária, rompendo qualquer resquício de nacionalismo, reformismo e burocratismo.

Esta ferramenta, contraditoriamente está praticamente na contra corrente do subjetivo das massas na atualidade e não é por acaso. Os malefícios dos partidos burgueses que comparecem como superestrutura de proteção e do administrar da propriedade privada dos meios de produção se entrelaçam com os partidos pequeno-burguesa e mesmo de uma gama de revisionistas que falam em nome do marxismo. Para as massas, política é a que realizam a burguesia e reformismo, de apresentação dos candidatos de 4 em 4 anos, da corrupção e o legislar para a burguesia. Para o proletariado e a juventude, os partidos “socialistas” não se diferenciam dos da burguesia. De fato, a prática da divisão do trabalho e da democracia formal revestida de “centralismo democrático” e linha política, ora de conciliação de classes, frentes populares, ora como seitas pequeno-burguesa os colocam na negativa da política de expressão científica do proletariado moderno, única capaz de unificar e guiar os oprimidos até a expropriação cabal da burguesia. Desta forma, a teoria forjada não rompe com os marcos da propriedade privada e assim permanece como superestrutura burguesa em nome do proletariado.

A não diferenciação pelo proletariado, a juventude e as massas oprimidas entre os partidos burgueses e os chamados socialistas e mesmo os “marxistas” é devido à manutenção da divisão do trabalho e a democracia formal (burguesa), que representa os germes e a expressão política e principista da propriedade privada. Temos nos partidos que se reivindicam do socialismo uma monstruosidade de divisão do trabalho, podemos dizer que uma castra de intelectuais burocratas se incrustam nos aparelhos partidários onde tudo fazem, ou melhor, nada fazem a não ser teorizar dentro dos marcos da democracia formal e da propriedade privada. A relação com o proletariado se dá totalmente às avessas. A composição social da militância obediente aos chefes burocratas se conforma pela pequena burguesia e aos rótulos de centralismo democrático. Com este caminhar, a consigna de socialismo ou barbárie se concretiza na segunda.

Por que, apesar de estar na contra corrente das massas, a construção de um verdadeiro partido marxista mundial se torna a ferramenta prioritária e totalmente indispensável para o processo revolucionário?

Marx, no Manifesto do Partido Comunista, nos fala da classe organizada como classe (como partido político), classe para si. O leninismo deu formulação teórica científica na estruturação e organização desta ferramenta.

Marx e Engels selaram suas amizades na construção teórico-prática do materialismo histórico e dialético. Nesta concepção, o homem como tal se reveste como ser sensível e o é e se “realiza” sob a batuta do produzir a vida, da base material da sociedade. Na história da humanidade até nossos dias, excetuando-se o período do comunismo primitivo, esta se “realizou” sob os designos da propriedade privada dos meios de produção, da exploração do homem sobre seu próprio semelhante. Eis aqui a grande questão teórica da necessidade da construção do partido mundial da revolução proletária.

As correntes do humanismo evoluíram a plataforma política do ser sensível como indivíduo para o ser evolutivo como coletivo. Mas não chegaram até as conquistas teóricas de Marx e Engels do materialismo histórico e dialético, não conceberam a base material da sociedade como construtora do homem e dos homens no momento histórico. Puseram-se a construção de um novo homem dentro das relações materiais dadas pela propriedade privada em uma espécie de culturalismo e anarquismo. Não romperam com Hegel, permanecem na idéia como força material em si mesma.

Lênin, “em o que fazer”, nos dá as linhas mestras de organização científica, capaz de se conformar como base material comunista, mesmo dentro do capitalismo. Nos mostra que sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário. Mostra-nos que a forma organizativa comunista de partido político expressando cientificamente a política da classe social, que nasceu com o capitalismo, o proletariado moderno, nos marcos do materialismo histórico e dialético, vai agir como base material comunista, conspirando, concorrendo, desmascarando, transformando a classe em si em classe para si, rumo à revolução e ditadura do proletariado. Deste último ponto, a luta de classes se acentuará e a condição de assegurar o processo revolucionário nas condições do mais alto desenvolvimento das forças produtivas alcançado pela humanidade (nos países altamente desenvolvidos), no processo mundial da revolução permanente, se caminhará para uma sociedade sem classes sociais. A base material do partido comunista se dissolverá assim como o Estado na base material da nova sociedade, assentada na propriedade coletiva dos meios de produção da vida, só assim podemos então teorizar um outro patamar e um outro homem.

Lênin formulou a construção da base material comunista dentro do próprio capitalismo no exercício do centralismo democrático, como síntese apurada da democracia operária na teoria partidária comunista. Utilizou como ferramenta desta construção partidária comunista como se fosse uma fábrica comunista dentro do capitalismo na confecção de um jornal revolucionário, comunista, de elaboração estritamente coletiva. No exercício da confecção do jornal partidário comunista, na elaboração coletiva deste, nos marcos da democracia operária, centralismo democrático no teorizar/prático, Lênin viu aí a construção dos quadros marxistas e de ferramenta *sine qua non* do processo revolucionário comunista.

Explicando por um outro anglo, teremos: A base material da sociedade (propriedade privada dos meios de produção) conforma a estruturação da sociedade capitalista, modelando esta á sua imagem e semelhança, ergue aparatos superestruturais capazes de lhes dar as garantias necessárias para a continuidade capitalista. Dizemos que as idéias presentes no conjunto da sociedade capitalista

são as idéias fornecidas pela base material, materializadas nas idéias da classe dominante. Como produzir idéias comunistas, capazes de concorrer, conspirar pela destruição da base material capitalista e das superestruturas que se ergue para protegê-la? Foi exatamente aqui que Lênin teorizou e deu forma prática como teoria de partido marxista (bolchevista). Uma superestrutura proletária dando diferencial na luta de classes, entre as duas principais classes que se digladiam na sociedade capitalista (burgueses versus proletários) e os oprimidos em geral.

Aqui caberá aos defensores da não necessidade da construção do partido mundial da revolução socialista fundamental, sob as bases do materialismo histórico e dialético, qual a ferramenta que a substitui!

Nós da Organização pelo Partido Operário Marxista, como seção do Partido mundial da revolução socialista, não temos dúvidas: a necessidade da construção do partido revolucionário entre as massas é a condição da organização do proletariado como classe no sentido do Manifesto Comunista de Marx e Engels, da transformação da classe em si em classe para si. É a condição primeira de dotar o movimento operário, camponês, juvenil e os proletários e oprimidos em geral na independência de classe do ponto de vista da revolução proletária mundial, do ponto de vista da expressão científica e política/prática do proletariado moderno, como assinalado por Marx.

Hoje, mais do que nunca, está colocado a construção prioritária desta ferramenta, com a conseqüente intervenção na luta de classes, dotando o movimento de formas de organização de massas como embriões de soviets revolucionários, buscando a dualidade do poder no sentido de burgueses versus proletários. Está colocada a expulsão dos burocratas e reformistas do seio das organizações proletárias, como os sindicatos. Está colocada a conquista dos sindicatos para as direções revolucionárias e a transformação destes organismos em escola de comunismo e de ferramenta da de luta pelas reivindicações transitórias, fazendo a ponte para a revolução socialista.

Intervenção na luta de classe mundial

Reivindicamos a atualidade do programa de transição da IV Internacional. Caracterizamos que as condições objetivas para a revolução socialista estão mais que dadas. Caracterizamos que a problemática da crise de direção do proletariado mundial se agravou de 1938 até nossos dias. Caracterizamos a situação mundial no seu conjunto na forma assinalada no programa de transição de situação pré-revolucionária. Rechaçamos a análise dos testes ácidos se baseando nos bolsões com situação revolucionária (sem organização revolucionária) como episódio particular na luta de classe e sua generalização para a situação de conjunto da situação política. Rechaçamos a charlatanice da defesa do programa mínimo e programa máximo para os dias de festas. Defendemos o programa de reivindicações transitórias como uma ponte para a revolução socialista, como uma ponte para dotar a situação objetiva para revolução socialista do fator subjetivo, que é a existência do partido operário marxista.

Defendemos que se façam todos os esforços para o agrupamento Internacional da vanguarda proletária mundial.

Defendemos a realização de uma pré-conferência, seguida de uma Conferência Internacional das Organizações trotskistas principistas e Organizações revolucionárias internacionalistas. Propondo a realização nos dias 03,04 e 05 de julho de 2009.

Não estaremos subordinados e não concordamos com o chamamento em base aos 23 pontos da Fração Leninista Trotskista (FLT).

Chamamento e termo de adesão para realização da pré-Conferência a ser realizada nos dias 3, 4 e 5 de julho de 2009 no Brasil.

Às Organizações Trotskistas principistas que não se macularam pela burocratização e pelas frentes populares;

Às Organizações proletárias revolucionárias Internacionalistas que pautam pela luta direta das massas, a independência de classe do movimento e pela Ditadura do proletariado.

Convocamos todos a assinar este chamamento no sentido de marcharmos rumo a uma Pré-Conferência aberta dos Trotskistas principistas e Organizações Revolucionárias Internacionalistas.

Em substituição aos 23 pontos, propomos o seguinte temário:

- Balanço da IV Internacional de Trotski até nossos dias;
- Conjuntura Internacional e as demandas que se depreendem desta;
- Construção do Partido Mundial da Revolução Proletária.

Propomos sim a formação de um Bloco Internacionalista por uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e das Organizações Revolucionárias para realizarmos um sério balanço da IV Internacional (de Trotski até nossos dias), um bom balanço de conjuntura e para traçarmos um plano de intervenção mundial calcado em um plano de reivindicações transitórias para a luta de classe, no intercâmbio proletário internacional. A questão de um Centro Internacional com centralismo democrático mesmo que imperfeito depende do nível de concordância programática alcançado, mesmo que não na totalidade do programa. Caso haja a devida concordância programática, não terá sentido a não unificação; aí sim, não mais em um Centro Internacional com centralismo imperfeito, mas, com o centralismo democrático em toda sua essência.

Uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e organizações revolucionárias não necessariamente terá que concluir com um Centro Internacional, mesmo com

centralismo imperfeito na totalidade. Devemos ter a paciência e a compreensão do grau elevado de crise de direção proletária internacional. Da confusão, da dispersão programática e a presença, mesmo de todo tipo de germes de revisionismo nos agrupamentos que nasceram ou foram resultados do pablismo, do morenismo e de toda gama de revisionismo do marxismo revolucionário. Neste sentido, uma Conferencia Internacional dos trotskistas principistas e das organizações revolucionárias deverá, acima de tudo, traçar um plano de discussão teórica e de intervenção na luta de classes internacional, calcado nas premissas do programa de transição. Deverá nesta tarefa teórica/prática de discussão e de intervenção na luta de classe internacional ir unificando e separando os centros revolucionários. Conformando centros com centralismo democrático em toda sua essência; Centros com centralismo mesmo que imperfeito e organizações revolucionárias de profundas divergências, mas que se submetam á estratégia da revolução e de ditadura do proletariado com a conseqüente democracia operária ao nível de uma frente operária internacional.

Desta forma, propomos a construção de 3 tipos de organismos internacionais de organizações trotskistas e organizações revolucionarias Internacional rumo ao resgate dos princípios marxista e do trotskismo principistas revolucionário contidos em: Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels; nos 4 primeiros Congressos da 3° Internacional Comunista; do programa de Transição, nas teses da revolução permanente e nas resoluções da IV Internacional até 20 de agosto de 1940, para conformar:

- 1- Embriões homogêneos de concordância programática capazes do exercício do centralismo democrático na sua essência;
- 2- Embriões não homogêneos de concordância programática, que nos quais seja possível o centralismo democrático mesmo que imperfeito;
- 3- Organizações revolucionárias de profundas divergências, mas que submetam a estratégia da revolução e de ditadura do proletariado com a conseqüente democracia operaria ao nível de uma frente operária internacional.

Neste quesito, podemos e devemos buscar perspectiva de discussão e luta revolucionária internacional principistas às organizações que conformam a frente operária Internacional.

Podemos e devemos, nos princípios do programa de transição calcados em um programa de reivindicações transitórias e de resistência á barbárie capitalista, criar as condições concretas no sentido do legado IV internacional, de que “a orientação das massas está determinada, de um lado, pelas condições objetivas do capitalismo que se deteriora; de outro, pela política traidora das velhas organizações operárias. Destes dois fatores, o fator decisivo é, sem dúvida, o primeiro: as leis da História são mais poderosas que os aparelhos burocráticos”.

Alguns pontos programáticos de delimitação:

Abaixo a política das frentes populares!

Pela organização soviética mesmo que do ponto de vista embrionário que por sua vez só poderá ser conquistado com a total independência de classe do ponto de vista do proletariado moderno;

Viva a luta direta das massas oprimidas!

Abaixo o eleitoralismo do reformismo e dos revisionistas do marxismo e todo o burocratismo e corporativismo que comparece intrínseco;

Abaixo o reformismo que usufrui do programa mínimo (economicismo) na permanência da classe em si, mesmo que em nome de um programa máximo para o futuro;

Abaixo o Fórum Social Mundial e sua política nefasta de conciliação de classe, de semear ilusão de um mundo possível dentro dos marcos da exploração de classe e do pacifismo;

Viva a revolução proletária mundial nos marcos das teses da Revolução Permanente;

Viva a democracia operária!

Viva o planejamento e o exercício da vida e da luta de classe, pela expropriação cabal da burguesia rumo a Ditadura do Proletariado e ao Comunismo;

Abaixo a democracia formal que engendra os germes principistas da propriedade privada dos meios de produção;

Viva as Organizações soviéticas!

Nossa intervenção na lua de classe deve ir deixando rastros de embriões de organizações de massa unificada sem corporativismo e burocracia, no campo da independência de classe do ponto de vista do proletariado moderno assinalado por Marx;

Viva os Sindicatos como escolas de comunismo e ferramenta da revolução proletária!

Abaixo a estatização dos sindicatos e a burocratização que se confirma na antítese das organizações soviéticas, da independência de classe e no perpetuar da democracia formal, do capitalismo decadente e seu caminhar para a barbárie;

Viva a construção do Partido mundial da revolução proletária.

Abaixo a estrutura e base material calcada na exploração do homem pelo homem (propriedade privada dos meios de produção);

Abaixo a superestrutura capitalista! Ergamos a superestrutura comunista e revolucionária como única forma de possibilitar a transformação da classe em si em classe para si no sentido da conformação da revolução proletária mundial.

Posição sobre a proposta de chamamento da FLT (23 pontos) contidos no Organizador Obreiro nº 8 :

Em primeiro lugar nos parece que há uma grande contradição entre o reivindicado na introdução aos 23 pontos, ou seja:

Constituir um Bloco Revolucionário Internacionalista que lute por uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e as Organizações operárias revolucionárias, isto é, por um verdadeiro Zimmerwald e Kienthal do século XXI, capaz de constituir um centro internacional que lute por voltar a por em pé o partido mundial da revolução socialista sobre a base do legado e o programa do congresso de fundação da IV Internacional em 1938, continuadora do bolchevismo e da III Internacional revolucionária de Lenine e Trotsky. (p.1)

Esta formulação correta está em total contradição com:

“Sentando bases principistas arredor de dar respostas revolucionárias aos testes ácidos da luta de classes mundial, chamamos a ...” – da mesma introdução – como iniciante do parágrafo anterior. (p.1)

Destaques dos 23 pontos para ressaltar a análise:

1. Só a revolução proletária triunfante pode parar a catástrofe do capitalismo em putrefação. A premissa "socialismo ou barbárie" vira uma consigna e um programa para a ação imediata.

A crise econômica mundial e a catástrofe do sistema capitalista imperialista, que faz cair sua ruína sobre o conjunto da classe operária e os povos oprimidos do mundo, puseram a premissa de "socialismo ou barbárie" do marxismo revolucionário como uma consigna e um programa para a ação imediata.

O chicote do capital, a carestia da vida, a recessão com sua seqüela de demissões e ataques às conquistas da classe operária mundial, propõem como necessidade imediata das massas, a luta pela derrota do sistema capitalista imperialista mundial, e põem na ordem do dia, a luta imediatamente pela revolução proletária, já que só lutando por ela, poderá a classe operária mundial escapar da ruína, a miséria crescente, a carestia de vida e o afundamento dos povos oprimidos do mundo. Para que a classe operária e os explorados vivam o sistema capitalista imperialista deve morrer!

Contra o reformismo que pretende constringir à classe operária à luta econômica, quando o capital lançou uma verdadeira guerra contra os trabalhadores e os explorados, os impulsores deste chamamento levantamos o apótema do marxismo revolucionário que diz que, lutando todos os dias pela tomada do poder e a ditadura do proletariado, dizendo-lhes todos os dias às massas que essa é a única saída a suas penúrias, não renunciamos a arrancar-lhe à burguesia, no caminho da luta, a mais mínima das conquistas, sabendo que as mesmas serão efêmeras e se perderão se o proletariado não avança a fazer-se

do poder. A luta pelo pão, pelo trabalho, pela terra, contra a guerra, contra o jugo imperialista, só terá solução com o triunfo da revolução socialista internacional. Contra a impostura do “*socialismo do século XXI*” que impulsionam os defensores do Foro Social Mundial, nosso grito de guerra é o de “*Revolução socialista agora*” para salvar ao planeta da catástrofe e a barbárie.

Tal como o fez ontem, em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial antiimperialista e a traição da social democracia, ante a mesma, hoje a crise na economia mundial capitalista e a catástrofe que se lança sobre os explorados do mundo, marcam claramente uma clara divisão de água entre reformistas, enfermeiros do capital - aos que se juntaram os renegados do Trotskismo coveiros da IV Internacional e de seu legado -, e revolucionários que lutamos por ser, junto ao proletariado mundial, seus coveiros. Ou se está pela luta pela revolução socialista internacional, combatendo por ela e nessa perspectiva todos os dias; ou caso contrário, está-se por pressionar ao estado burguês por migalhas, por reformá-lo. Ou se está pela revolução socialista e se combate por ela todos os dias; ou se está por esse roubo que é o “*socialismo de mercado*” e pela impostura da “*revolução do século XXI*”, aos pés da burocracia castrista e as burguesias “*bolivarianas*” e sua mentira cínica da “*redistribuição da riqueza*”, ou aos pés também das burguesias nativas como as de Médio Oriente, carcereiros do seu próprio povo palestino a serviço do ocupante sionista, como são Al Fatah e Hamas; colaboracionistas da ocupação imperialista de Iraque e repressoras de sua própria classe operaria, como é a burguesia iraniana; ou que, como Hizbollah, pactuam sobre o sangue e o martírio das massas palestinas e os explorados do Líbano, com o governo pró-ianque de Siniora e com as tropas imperialistas da ONU que ocupam o sul do país. Ou se está pela luta pela revolução socialista então, ou se termina aos pés das

burguesias nativas, sócias menores do imperialismo, que podem chegar a regatear com este por sua fatia dos negócios, mas que sempre se disciplinam a ele contra as massas e contra a revolução operária e socialista, cujo triunfo é o único que pode liberar às nações coloniais e semi-coloniais do jugo imperialista. Ontem, em 1914, quando os operários eram arrastados pelos social-imperialistas a massacrar-se entre si nos campos de batalha a serviço dos interesses de “suas” respectivas burguesias, a tarefa imediata para deter a guerra e conquistar a paz, não era outra que a revolução socialista: *“dar volta ao fuzil, transformar a guerra imperialista em guerra civil contra a própria burguesia”*, tal era o programa revolucionário levantado por Lenine, Liebknecht e os internacionalistas da Esquerda de Zimmerwald, que em 1915 cabiam num caldeirão, mas que em 1917 se transformaram em carne e sangue do proletariado russo que impunha esse programa na vida mesma.

3... A isto deve apontar o programa de transição dos revolucionários para o momento atual e sua intervenção decidida: a transformar a luta econômica em luta política de massas aberta contra os estados, regimes e governos burgueses. A transformar as revoltas espontâneas das massas contra a fome e a carestia da vida em auges proletários dos que estão combatendo pela escala móvel de salários e horas de trabalho, pela nacionalização e expropriação da terra, das grandes petroleiras e do agro-negocio; pela nacionalização e expropriação dos monopólios e o grande capital imperialista e dos bancos, sem indenização e sob controle operário, ataquem a propriedade e os lucros dos capitalistas, para que sejam eles os que paguem á crise que provocaram. Para que as massas em luta ponham em pé seus organismos de autodeterminação e democracia direta, seus piquetes e comitês de autodefesa, preparatórios de insurreições contra os estados, regimes e governos geradores de fome e repressão. Insurreições que só

poderão triunfar com um partido revolucionário leninista de combate a sua frente.

9. .. porque a restauração capitalista não será pacífica, senão que a burocracia castrista, sócia aos monopólios imperialistas, deverá vencer a resistência revolucionária das massas cubanas com métodos de guerra civil; e porque a revolução latino-americana foi expropriada, contida, estrangulada; e a classe operaria norte-americana enganada e subordinada ao Partido Democrata, mas o proletariado do continente não foi achatado nem sacado de cena por todo um período histórico.

13. ... Pela eleição de delegados de todas as fábricas e estabelecimentos de Venezuela, uno cada 100 operários, para refundar a UNT junto aos operários de SIDOR, rompendo toda sujeição da classe operaria ao estado burguês venezuelano e ao governo de Chávez!

17. ... Os assinantes e impulsores deste Chamamento afirmam que não é revolucionário nem trotskista todo aquele que, ante o início de uma situação pré-revolucionária ou revolucionária, não ponha no centro de seu programa a luta por que as massas ponham em pé, estendam, desenvolvam, centralizem e armem seus organismos de auto-organização e democracia direta, isto é, seus organismos pré-soviéticos e soviéticos, preparatórios da insurreição e a tomada do poder pelo proletariado

22 ... Contra isso, impulsionemos uma campanha em defesa da IV Internacional de 1938, denunciando os todos os impostores e renegados do trotskismo e propondo com clareza que unicamente os que hoje estão na trincheira correta dos testes agudos da luta de classes mundial, são continuadores da IV Internacional de 1938! A luta em defesa da IV Internacional de 1938 está hoje estreitamente

unida à luta contra a restauração capitalista e pela revolução política em Cuba

23 ... Acabou-se a época dos programas nacionais. Portanto, unicamente um centro internacional pode e poderá sacar as lições revolucionárias dos acontecimentos agudos da luta de classes internacional, e orientar à vanguarda proletária em cada país segundo os interesses da classe operaria mundial, e não segundo os interesses momentâneos do proletariado de dito país.

A dissolução do centro internacional da IV Internacional, por parte da direção do SWP norte-americano nos anos 40 deixando assim a cada seção nacional submetida às terríveis pressões das condições nacionais em cada país no meio da segunda guerra mundial - uma guerra antiimperialista e ao mesmo tempo, de agressão contra o estado obreiro soviético - marcou o início da crise e a degeneração da IV Internacional fundada em 1938.

Hoje, trata-se então de conquistar um verdadeiro Zimmerwald e Kienthal do século XXI que mantenha os fios de continuidade da teoria, a estratégia e o programa revolucionários estabelecidos no congresso de fundação da IV Internacional em 1938, e se prepare para disputar a direção das massas exploradas do planeta e para transformar ao programa revolucionário, no próximo período, num fator objetivo da vanguarda proletária mundial.

O sistema capitalista imperialista vem de chocar-se contra as rochas submarinas da crise econômica e financeira mundial. Sob estas condições, uma Conferência internacional dos trotskistas principistas e as organizações operarias revolucionárias, é ainda um objetivo a conquistar que precisará, sem dúvida, de uma riquíssima discussão e debate de todos os grupos e correntes internacionalistas que ponhamos em pé um Bloco revolucionário e internacionalista que lute pela mesma, para cuja constituição propomos e pomos a debate os pontos acima desenvolvidos que, a nosso entender, são os que dividem águas hoje, na vida

mesma, entre reformistas enfermeiros do capital, e revolucionários que nos propomos, junto ao proletariado mundial, ser seus coveiros.

As leis da história são mais fortes que qualquer aparelho. Em 1989-1991, presenciamos o estalido de todas as correntes centristas e oportunistas que, usurpando o nome do trotskismo e a IV Internacional, tinham sido surpreendidas pelos combates onde se decidia o destino dos estados operários deformados e degenerados, quando estavam abraçados e em aliança com os stalinistas. Não cabe a menor dúvida que, ao calor dos novos e agudos acontecimentos que já estão aqui e os que espreitam na palestra da luta de classes mundial, voltaremos a olhar novas crises e estalidos dos renegados do trotskismo, devidos já em aberto reformismo, e os internacionalistas teremos mil e uma oportunidades de chegar a tempo para que o programa do Congresso de 1938 da IV Internacional se transforme em carne e sangue dos operários e os camponeses pobres cubanos em luta contra a restauração capitalista, da heróica resistência das massas iraquianas, palestinas e de tudo Médio Oriente, do combate do proletariado de Estados Unidos e de demais potências imperialistas, etc. Trata-se então de impulsionar este Bloco revolucionário internacionalista em luta por uma Conferência Internacional que possa servir de ponto de apoio a essa enorme alavanca revolucionária que é a força das massas que, em última instância são as que com seus combates, definem e definirão o curso da história.

Camaradas

Parece-nos que a questão é exatamente programática e como diz a FLT em várias ocasiões do chamamento e dos 23 pontos levando a discussão ao encontro do programa do Congresso de fundação das IV Internacional.

Ocorre que, a FLT faz uma miscelânea de consigna obscurecendo o programa de 38 e mesmo negando-o, vejamos:

Primeira questão que deve a FLT responder – a situação mundial caracteriza por uma situação pré-revolucionária da sociedade ou revolucionária?

Desta resposta vai determinar o ponto central de qualquer programa que se diz revolucionário.

Os teóricos revisionistas da IV Internacional desde 40, e principalmente, após a morte de Trotski no decorrer ainda da própria 2ª grande guerra e por último o Morenismo revisaram o programa de 38 levando-o ora de volta ao programa mínimo (as frentes populares) e, ora outros, para tão somente ao programa máximo (sectarismo de todas as ordens que acabam quase sempre voltando ao programa mínimo). A história da IV Internacional é marcada por revisionismo, cisões e mais cisões. Várias cisões se confirmam no campo “principista” e, no entanto são cisões parciais, não remetendo a origem e ao marxismo.

É lógico que a questão do programa está ligado intrinsecamente ao partido. Se romper com o partido rompe com o programa, mas o inverso também é essência, se rompe com o programa rompe com o partido.

Nós do POM necessitamos avançar um bom balanço da IV Internacional até nossos dias aos olhos da vanguarda internacional. Mas de pronto podemos afirmar que a degenerescência da IV Internacional se deu pelo rompimento programático desde a segunda guerra nas divergências em relação ao papel que representava a União Soviética (qual era o caráter de Estado) e a desenvoltura do Stalinismo como participe de destaque ao término deste grande conflito imperialista.

Estas duas questões levaram ao rompimento programático da IV. IC. Logo após a morte de Trotski, exatamente dos anos de sua aprovação no Congresso de 38. Como um terceiro ponto podemos afirmar que: assim como na degenerescência da III I.C. jogou peso extraordinário as debilidades do movimento revolucionário mundial (a juventude e debilidade de seus quadros), na degenerescência da IV I.C. este último fator foi de um peso também extraordinário. Lógico que o fator da democracia operária, o estado de repressão e perseguição que se instalou tanto da degenerescência da III I.C. quanto da IV I.C. por parte da burguesia e do stalinismo jogaram também papel de suma importância. Dito isso, para demonstrar à FLT que não se trata de uma mera questão organizativa por não ter convocado ou ter rompido um Centro Internacional pelo SWP, mesmo sendo esta seção a de maior desenvoltura no momento.

De novo a análise da conjuntura Internacional jogou grandioso peso em um pós-guerra, com uma situação de acenso do movimento operário, o stalinismo em glória e a IV Internacional totalmente destruída (raqúitica) com o cambiar do programa, negando-o em relação ao caráter de Estado da União Soviética, em relação ao stalinismo e da luta pela democracia versus fascismo. Nestas condições, somente um Trotski poderia dar continuidade. Assim, o trotskismo se desenvolveu na contra corrente da história e de seu programa.

As citações contidas nos 23 pontos por um Bloco revolucionário e internacionalista que lute por uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas e as organizações operárias revolucionárias perdem o fio condutor do programa de 38 negando-o.

Primeiro: faz parte do aprendizado marxista e do materialismo histórico e dialético que a totalidade deve fazer parte ao analisar qualquer fenômeno. Esta totalidade em constante transformação e influenciando nos fenômenos particulares e o contrário também se faz verdadeiro. Quando deixa de lado a análise e a defesa da caracterização mundial como situação pré-revolucionária da sociedade, nos moldes do programa da IV I.C., e, prioriza particularidades desta realidade sem relacioná-la dialeticamente com a totalidade está rompendo com o método marxista. A insistência da defesa pela FLT dos testes ácidos, colocando imediatamente a questão da tomada do poder como se fosse uma situação revolucionária de conjunto, não poderia ser de outra forma, se não, com medidas administrativas e mecanicamente.

Esta forma de análise pelas particularidades, pelos testes ácidos como se fosse situação revolucionária coloca-se para a FLT uma concepção de partido simplesmente insurrecional, para tomada do poder.

Por causa disto, da análise de situação revolucionária, levando em conta particularidades de um todo, que hoje, mais do que em 38 apresenta-se como uma situação pré-revolucionária, visto que, o fenômeno da crise de direção do proletariado mundial se agravou ainda mais, em contraposição ao também avolumar da crise estrutural e econômica do capitalismo decadente.

Então, se de fato trata-se de uma situação revolucionária está colocado a questão da tomada do poder como questão imediata das massas e não um programa de transição como aprovado e delimitado no Congresso de fundação da IV Internacional de 1938, este é o fundamental da questão!

De fato, temos na situação mundial em momentos distintos situação que poderíamos chamar de revolucionária, porém, devido ao avolumar da crise econômica, do desgoverno, do levante espontâneo das massas coloca mesmo uma situação de total desgoverno. Esta situação é uma particularidade e que seu desdobramento é também incerto, dependendo de vários fatores. O mais comum é, a retomada da direção do Estado burguês por esta ou aquela facção burguesa. Quando a situação fica difícil para uma saída clássica burguesa, a social democracia e o reformismo acaba achando uma saída para a burguesia nas frentes populares, golpeando assim o movimento operário espontâneo.

O partido insurrecional da FLT não se propõe a organizar as massas, no sentido da expulsão das direções traidoras das organizações operárias e populares através de um plano internacional calcado na realização da ponte pelas reivindicações transitórias, no máximo propõe mecanicamente como é o caso das marchas aos Sindicatos. Dando assim, o salto da situação pré-revolucionária para revolucionária sob a direção do Partido mundial da Revolução Socialista. O Partido insurrecional que propõe a FLT não se propõe a ajudar as massas em sobrepor o Programa mínimo da social democracia e do reformismo exatamente por negar o programa de transição. **A tarefa estratégica do próximo período - período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização - consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração, falta de experiência da nova). É necessário ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS que parta das atuais condições e consciência de largas camadas da classe operária e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.**

Como se vê, o rompimento com os revisionistas do trotskismo se deu em parte, não chegou até ao legado da IV Internacional de 1938.

Propomos sim a formação de um Bloco Internacionalista por uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e das Organizações Revolucionárias, mas, para realizarmos um sério balanço da IV Internacional (de Trotski até nossos dias), de um bom

balanço de conjuntura e de traçarmos um plano de intervenção mundial calcado em um plano de reivindicações transitórias para a luta de classe, no intercâmbio proletário internacional. A questão de um Centro Internacional com centralismo democrático mesmo que imperfeito depende do nível de concordância programática alcançado, mesmo que não na totalidade do programa. Caso haja a devida concordância programática não terá sentido a não unificação ai sim, não mais em um Centro Internacional com centralismo imperfeito e sim, com o centralismo democrático em toda sua essência.

Uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e organizações revolucionárias não necessariamente terá que concluir com um Centro Internacional, mesmo com centralismo imperfeito na totalidade. Devemos ter a paciência e a compreensão do grau elevado de crise de direção proletária internacional. Da confusão, da dispersão programática e a presença mesmo de todo tipo de germes de revisionismo nos agrupamentos que nasceram ou foram resultados do pablismo, do morenismo e de toda gama de revisionismo do marxismo revolucionário. Neste sentido uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas e das organizações revolucionárias deverá, acima de tudo, traçar um plano de discussão teórica e de intervenção na luta de classes internacional calcado nas premissas do programa de transição. Deverá nesta tarefa teórica/prática de discussão e de intervenção na luta de classe internacional ir unificando e separando os centros revolucionários. Conformando centros com centralismo democrático em toda sua essência; Centros com centralismo mesmo que imperfeito e: organizações revolucionárias de profundas divergências, mas que submetam a estratégia da revolução e de ditadura do proletariado com a conseqüente democracia operária ao nível de uma frente operária internacional.

Desta forma propomos a construção de 3 tipos de organismos internacional de organizações trotskistas e organizações revolucionarias Internacional rumo ao resgate dos princípios marxista e do trotskismo principistas revolucionário contidos em: Manifesto Comunista de Marx e Engels; nos 4 primeiros Congressos da 3° Internacional Comunista; do programa de Transição, nas teses da revolução permanente e nas resoluções da IV Internacional até 20 de agosto de 1940, de forma a conformar:

- 4- Embriões homogêneos de concordância programática capaz do exercício do centralismo democrático na sua essência;

- 5- Embriões não homogêneos de concordância programática, mas que seja possível o centralismo democrático mesmo que imperfeito;
- 6- Organizações revolucionárias de profundas divergências, mas que submetam a estratégia da revolução e de ditadura do proletariado com a conseqüente democracia operária ao nível de uma frente operária internacional.

Neste quesito podemos e devemos buscar perspectiva de discussão e luta revolucionária internacional principistas às organizações que conformam a frente operária Internacional.

Podemos e devemos nos princípios do programa de transição calcados em um programa de reivindicações transitórias e de resistência a barbárie capitalista criar as condições concretas no sentido do legado IV internacional de que “a orientação das massas está determinada, de um lado, pelas condições objetivas do capitalismo que se deteriora; de outro, pela política traidora das velhas organizações operárias. Destes dois fatores, o fator decisivo é, sem dúvida, o primeiro: as leis da História são mais poderosas que os aparelhos burocráticos”.

Alguns pontos programáticos de delimitação:

Abaixo a política das frentes populares!

Pela organização soviética mesmo que do ponto de vista embrionário que por sua vez só poderá ser conquistado com a total independência de classe do ponto de vista do proletariado moderno;

Viva a luta direta das massas oprimidas!

Abaixo o eleitoralismo e todo o burocratismo e corporativismo que comparece intrínseco;

Abaixo o reformismo que usufrui do programa mínimo (economicismo) na permanência da classe em si, mesmo que em nome de um programa máximo para o futuro;

Abaixo o Fórum Social Mundial e sua política nefasta de conciliação de classe e de semear ilusão de um mundo possível dentro dos marcos da exploração de classe e do pacifismo;

Viva a revolução proletária mundial nos marcos das teses da Revolução Permanente;

Viva a democracia operária!

Viva o planejamento e o exercício da vida e da luta de classe pela expropriação cabal da burguesia rumo a Ditadura do Proletariado e ao Comunismo;

Abaixo a democracia formal que engendra os germes principistas da propriedade privada dos meios de produção;

Viva as Organizações soviéticas!

Nossa intervenção na lua de classe deve ir deixando rastro de embriões de organizações de massa unificada sem corporativismo e burocracia no campo da independência de classe do ponto de vista da classe do proletariado moderno assinalado por Marx;

Viva os Sindicatos como escola de comunismo e ferramenta da revolução proletária!

Abaixo a estatização dos sindicatos e a burocratização que se confirma na antítese das organizações soviéticas, da independência de classe e no perpetuar da democracia formal, do capitalismo decadente e seu caminhar para a barbárie;

Viva a construção do Partido mundial da revolução proletária.

Abaixo a estrutura e base material calcado na exploração do homem pelo homem (propriedade privada dos meios de produção);

Abaixo a superestrutura capitalista! Ergamos a superestrutura comunista e revolucionária como única forma de possibilitar a transformação da classe em si para classe para si no sentido da conformação da revolução proletária mundial.

2) Construção do POM no Brasil

- a) Abaixo a burocracia sindical das articulações, das oposições revestidas de marxismo, baixo o reformismo de todos os matizes reunidos na luta aparelhista no Sindicato dos professores do ensino oficial de São Paulo (Apeoesp)
- b) Inter-relação professores, juventude e a organização proletária soviética em defesa da Educação, dos professores e da revolução proletária;

Viva a Juventude revolucionária!

Dotar o Movimento estudantil e juvenil e a juventude no geral de energia pela vida em abundância para todos, que só poderá se possível no socialismo científico que é o caminho do comunismo. Viva a revolução proletária mundial!

Viva os Movimentos populares!

Unificar o Movimento popular com o movimento operário, dos assalariados em geral e juvenil na constituição dos embriões soviéticos pela dualidade de poder (burguês e proletário) rumo a ditadura do proletariado.

3) Abaixo as frentes populares

- a) organização de base nas formas soviéticas
- b) independência de classe nos objetivos do proletariado moderno
- c) abaixo a burocracia sindical e o corporativismo

4) Sem teoria marxista não há movimento revolucionário comunista e por consequência perpetuará a barbárie. Viva formação política permanente!

5) Plano financeiro da organização

Sem um rigoroso plano e disciplina financeira dos proletários marxistas não se confirmará organismos independentes da burguesia, não conformando assim, estrutura e superestrutura comunista pela expropriação da burguesia.

6) Militância nas células

Sem organismos celulares não haverá centralização e produção de teoria proletária comunista e a devida reprodução entre as massas. Viva a luta revolucionária! Viva as massas organizadas como classe operária moderna consciente. Viva o levante das massas organizadas em organismo proletários!

7) Militâncias nas pré-celulas

Viva a aquisição das bases programáticas principistas da revolução proletária mundial, abaixo o capitalismo.

8) Reforma do Estatuto

Um estatuto que seja o regular comunista dentro do capitalismo pela sua destruição

Viva o Jornal do Partido Operário Marxista na inter-relação classe em si para a classe para si e como ferramenta da produção coletiva nas bases comunista.

Viva os Jornais proletários e da juventude revolucionária

O Jornal, a disciplina partidária, nossa realidade e o que propomos para sairmos do nível em que nos encontramos:

Como forma de discutirmos o estágio em que nos encontramos e do caráter e nível da disciplina a ser buscada recorreremos ao texto de Trotski.

Em 27 de maio de 1939, escrevi novamente sobre o caráter do *Socialist Appeal*, em relação à composição social do partido:

"Pelas atas, vejo que está tendo dificuldades com o *Socialist Appeal*. O jornal está muito bem feito sob o ponto de vista jornalístico; mas é um jornal para os operários e não um jornal operário..."

"Tal como é, o jornal está dividido entre vários escritores, cada um deles muito bom, mas de conjunto não permitem que os operários penetrem nas páginas do *Appeal*. Cada um deles fala para os operários (e fala muito bem) mas nenhum escuta os operários. Apesar do seu brilhantismo literário, o jornal tornou-se vítima, de certa forma, da rotina jornalística. Vocês não dão a menor importância à forma como vivem os operários, como lutam, como se batem com a polícia ou como tomam whisky. Isso é muito perigoso para o jornal, como instrumento revolucionário do partido. A tarefa não consiste em fazer um jornal através dos esforços conjuntos de um qualificado comitê de redação, mas sim em alentar os operários a se expressarem por si mesmos".

"É necessário, como condição de êxito, efetuar uma mudança valente radical..."

"Naturalmente, não é só uma questão do jornal, mas sim de todo o curso da política. Continuo com a minha opinião de que tem muitos *moços e moças pequeno-burgueses* que são muito bons e dedicados ao partido, mas que não se dão conta, plenamente, de que o seu dever não é discutir entre eles mas sim penetrar no meio dos operários. Repito a minha proposta: todo membro pequeno-burguês do partido que durante certo tempo, digamos três ou seis meses, não ganhe um operário para o partido, deve ser transferido para a categoria de simpatizante e, depois de outros três meses, expulso do partido. Em alguns casos poderia parecer injusto, mas o partido, no seu conjunto receberia um choque saudável, que muito necessita. É necessária uma mudança radical."

Ao propor medidas tão draconianas como a expulsão dos elementos pequeno-burgueses incapazes de se ligarem aos operários, não tinha em mente, a "defesa" da frsção de Cannon, mas sim salvar o partido da degeneração. (Trotski, Em defesa do Marxismo, p. 135).

Decretamos a insuficiência de um grupo capaz de conformar a direção a altura das tarefas históricas.

Decretamos que até que esta situação não resolva constituiremos o grupo de direção provisório com a meta de no próximo congresso em 12 meses alcançarmos uma direção mais próximas da necessidade do programa revolucionário.

Decretamos a total insuficiência das células

Diante dos fatos, nos constituiremos provisoriamente em pré-células, buscando em curto espaço de tempo, conquistar o caráter de célula.

Constituição das pré-células de professores com uma forma de centralização para o funcionamento do organismo e a intervenção da luta de classe.

Constituição das pré-células de estudantes com uma forma de centralização para o funcionamento do organismo e a intervenção no movimento estudantil e na luta de classe.

Constituição das pré-célula de operários para a intervenção no movimento operário e na luta de classe.

Constituição das pré-células de componentes vários para a intervenção no movimento operário/popular e na luta de classe.

Que cada pré-celulas tenha um coordenador (secretário) e um coordenador financeiro

Conclamamos aos lutadores marxistas que não fizeram coro com as frentes populares, a aderirem e contatarem pelo e-mail: confeinternacionaltrotskprin@bol.com.br ou Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo